

# A VAGUIDADE DE EXPRESSÕES ADVERBIAIS COMO “POUCO”, “MAIS-OU-MENOS”, “MUITO” ETC. EM SUAS ASSOCIAÇÕES PREDICATIVAS

*THE VAGUENESS OF ADVERBIAL EXPRESSIONS SUCH AS  
“LITTLE”, “MORE OR LESS”, “VERY” ETC. IN THEIR  
PREDICATIVE ASSOCIATIONS*

Emerson Carlos Valcarenghi 

Universidade Federal do Piauí, Brasil  
[ecvalcarenghi@yahoo.com.br](mailto:ecvalcarenghi@yahoo.com.br)

## Resumo

O principal objetivo deste ensaio é explicar o funcionamento da vaguidade de expressões adverbiais como “pouco”, “mais-ou-menos”, “muito” etc. em suas associações predicativas. Nossa explicação irá basear-se na perspectiva epistemicista de tratamento da vaguidade. Tal perspectiva assume que vaguidade é, em essência, ignorância da localização exata das separações extensionais dos predicados vagos. Mas, mesmo a despeito de não podermos saber *a priori* onde estão

Recebido: 23 Jun 2026

Aceito: 11 Aug 2026

Publicado: 15 Sep 2026

Autor para correspondência:

[ecvalcarenghi@yahoo.com.br](mailto:ecvalcarenghi@yahoo.com.br)



localizadas tais separações, veremos que a abordagem epistemicista nos permite oferecer um quadro geral da atuação daquelas expressões no fenômeno da vaguidade.

**Palavras-chave:** A vaguidade de expressões adverbiais; Epistemicismo sobre vaguidade; A precisão extensional dos predicados vagos; A calibração de expressões adverbiais vagas.

## Abstract

The main objective of this essay is to explain the functioning of the vagueness of adverbial expressions such as “little”, “more or less”, “very” etc., in their predicative associations. Our explanation will be based on an epistemicist perspective of the vagueness. This perspective assumes that vagueness is, in essence, the ignorance of the exact location of the extensional separations of vague predicates. But, even despite not being able to know *a priori* where such separations are located, we will see that the epistemicist approach allows us to provide a general framework for the functioning of those expressions in the phenomenon of vagueness.

**Keywords:** The vagueness of adverbial expressions; Epistemicism on vagueness;

The extensional precision of vague predicates; The calibration of vague adverbial expressions.

## 1. Uma introdução bastante breve à vaguidade predicativa<sup>1</sup>

Predicados como “é calvo”, “é velho”, “é feliz” etc. são vagos, assim como os conceitos que lhes correspondem. Predicados/conceitos vagos admitem diferentes intensidades em relação a alguma grandeza, ou dimensão, que se encontra indelivelmente associada a eles. No caso dos predicados sobremencionados, trata-se, respectivamente, da quantidade de fios de cabelo no topo do crânio, da quantidade de tempo de vida/existência, da quantidade de sensação de prazer, satisfação e serenidade etc.<sup>2</sup> Podemos ser mais/menos calvos ou não-calvos, velhos ou não-velhos, felizes ou não-felizes etc. Contudo, a propriedade mais fundamental dos predicados/conceitos vagos talvez esteja no fato de que se pode perder/ganhar um ou mais fios de cabelo, dias de vida ou intensidade na sensação de felicidade sem que haja alteração do *status* de calvo para não-calvo, de velho para não-velho, de feliz para não-feliz ou ao revés. A propriedade de os conceitos vagos admitirem variações nas dimensões/grandezas associadas sem haver mudança no *status* do item correspondente é o que Wright (1975) caracterizou como a propriedade da tolerância dos predicados vagos, que é fator determinante na formação dos paradoxos soríticos. Para vê-lo, consideremos a variação abaixo do chamado “Paradoxo de Wang” (cf. Dummett, 1975, p. 303):

(PW):

(1) 0 é um número pequeno;

(2) 1 é um número pequeno;

(3) 2 é um número pequeno;

.

.

.

**Por conseguinte**, qualquer número é pequeno.

---

<sup>1</sup>A discussão que faremos aqui acerca da vaguidade de predicados com expressões adverbiais tais como “pouco”, “mais-ou-menos”, “muito” etc. não implica que estejamos fazendo um recorte limitador na discussão em consideração do fato de que aquelas expressões adverbiais também se associam a verbos e a advérbios, não apenas a adjetivos. Essas diferenças na categorização gramatical não têm relevância aqui, porque a associação das expressões adverbiais em jogo com categorias gramaticais como verbos e advérbios é sempre transformável numa construção predicativa. De todo modo, vale também a informação de que, para muitos autores, o fenômeno da vaguidade se estende para além dos predicados (cf. van Rooij, 2011). Confira em Sorensen (2022) e Ronzitti (2011) um panorama a respeito da vaguidade e de seu companheiro de todas as horas, o argumento sorítico. Para uma incursão histórica, mas ainda bastante atual, confira Keefe; Smith (1996) e Keefe (2004).

<sup>2</sup>Tal como vemos, o predicado “é feliz” exemplifica a ocorrência de predicados vagos que possuem mais do que uma grandeza/dimensão associada (cf. Keefe, 1998).

Como podemos ver, (*PW*) começa com uma sentença verdadeira e evolui, na sequência, de uma sentença verdadeira para outra sentença verdadeira. Mas, ao final, desemboca numa conclusão estupendamente inaceitável. Ao nos depararmos com argumentos assim, somos assaltados pela perplexidade básica que eles costumam causar, qual seja: é impossível olharmos para o argumento acima (ou apenas para ele) e saber onde exatamente terminam as sentenças verdadeiras e começam as falsas. A mesma perplexidade pode ser experimentada em consideração de sequências ordenadas de itens. Por exemplo, vamos supor que tenhamos enfileirado um número suficientemente grande de seres humanos velhos e não-velhos. Vamos assumir que, entre eles, haja uma diferença minúscula quanto à idade, por exemplo, de não mais do que 1 segundo de diferença em relação à data de nascimento.<sup>3</sup> Ora, considerando apenas a fila hipotética em questão, é impossível sabermos com que idade específica cessam os não-velhos e começam os velhos, ou vice-versa. Para muitos teóricos, esse fato estabelece que indivíduos que não diferem entre si em mais do que 1 mísero segundo de idade são indiferenciáveis em relação ao *status* de serem velhos ou não-velhos.<sup>4</sup> Assim, de acordo com essa visão, se um deles é velho, o companheiro imediato da fila também é velho e se um deles é não-velho, o companheiro imediato da fila é identicamente não-velho.

É comum pensar que, se um predicado admite associação com expressões que indicam alguma intensidade ou, então, com expressões comparativas, como, por exemplo, “mais ... que ...”, “menos ... que ...”, “tão ..., quanto ...”, o respectivo predicado é vago. E é verdade. Afinal, podemos dizer não apenas que Fulano é muito velho, mas também que Fulano é mais velho que Beltrano, que Fulano é menos velho que Cicrano e que Cicrano é tão velho quanto Tetrano. Entretanto, não é o caso que, se um conceito admite associação com os tipos de expressões em questão, ele é vago. Conceitos arbitrais também admitem a associação em questão, mas, diferentemente

---

<sup>3</sup>A propósito, vale uma nota sobre o tratamento que Franceschi (2025) confere ao sorites. Discutindo o caso da progéria, em que, apesar da baixa idade, alguém apresenta aspectos físicos comumente observados em pessoas com idade avançada, ele argumenta que o sorites estaria às voltas com um conflito entre o sentido coloquial e o sentido preciso dos predicados vagos, o qual ocorreria no sorites. Segundo Franceschi (2025, p. 8), o sentido preciso explorado pelo sorites não seria independente do sentido coloquial, pois, como mostram os casos de progéria, ter uma idade alta não seria nem necessário nem suficiente para ser velho. Contudo, parece-nos que temos dois sentidos independentes em relação ao predicado “é velho”. Nós não apenas dizemos que seres humanos são velhos, dado serem anosos ou antigos, mas também que a Terra e seus oceanos também o são. No entanto, não estamos necessariamente atribuindo os conceitos de possuir barba branca e ter visão turva ao planeta e suas águas. Assim, o conceito de ser velho – em termos de possuir uma idade elevada – convive pacificamente com o conceito de ser velho, em termos de possuir a aparência/aspecto de ser velho, mas sem ter idade elevada. Ambos os conceitos em jogo são vagos, mas isso não significa que o sorites de ser velho, em termos de ter mais idade, conflite ou promova uma mistura indevida com o sorites da aparência de ser velho mesmo sem ter uma idade elevada.

<sup>4</sup>Confira aquilo que Graff (2003) designou de “princípios de déficit semântico”.

dos conceitos vagos, preveem em sua estrutura conceitual que os usuários desses conceitos fixem, *ad libitum* e por ocasião da atribuição, determinados parâmetros que estão vinculados aos conceitos do tipo. A nosso ver, isso não acontece com os conceitos vagos e, por isso, os conceitos vagos e os arbitrais não se identificam.<sup>5</sup>

Além dos conceitos notadamente vagos que mencionamos acima, há outros menos óbvios. Para vê-lo, ponderemos sobre os conceitos de ser uma borboleta ou de ser um girino. Vamos imaginar que tenhamos filmado toda a metamorfose de uma lagarta em uma borboleta (ou a de um girino em um sapo<sup>6</sup>). Suponhamos que a filmagem tenha se processado a 10 quadros por segundo. A pergunta agora pertinente é a seguinte: em que par de quadros imediatamente vizinhos entre si encontramos a fase lagarta no primeiro e a fase borboleta no segundo? Parece impossível sabermos tal coisa assistindo o filme (ou apenas assistindo o filme). A mudança de um idioma para outro também exhibe o mesmo tipo de circunstância. Pensemos, por exemplo, na língua portuguesa. Houve um momento na história em que o nosso idioma *mater* ainda não existia. Ele foi gerado a partir de alterações graduais de um ou mais idiomas pré-existentes. Suponhamos que tenhamos à disposição um registro completo e fiel das mudanças linguísticas que culminaram na formação da língua portuguesa. Ora, da mesma forma vista há pouco, poderíamos agora nos perguntar quando exatamente o Português passou a existir. A propósito de casos de surgimento de idiomas a partir de outro(s), alguém poderia pensar que eles exibem casos em que a vaguidade latente é relativa a objetos – a chamada “vaguidade ôntica”.<sup>7</sup> A ideia de que o tipo de caso em foco enseja vaguidade ôntica parece pressupor que a língua não deva ser explicada via conjunto de regras gramaticais e um vocabulário oficial, mas apenas pela manifestação da expressão linguística. Sob tal perspectiva, a língua seria mesmo um objeto, tal como mesas e cadeiras. Não trataremos da vaguidade ôntica aqui. Afinal de contas, ainda que alguém considere que os idiomas sejam constituídos *apenas* pelo conjunto de manifestações dos seus usuários no tempo, tais manifestações sempre cairiam sob o conceito de ser, ou não ser, de uma determinada língua/idioma. Nesse caso, a vaguidade em jogo seria relativa aos predicados “é uma manifestação da língua tal-e-tal” ou “não é uma manifestação da

---

<sup>5</sup>Ferreira (2017) argumenta que a essência da vaguidade está na arbitrariedade. Não discutiremos em detalhe a sua proposta aqui, mas vale o registro de que ela enfrenta um obstáculo sério com os chamados “casos claros de aplicação dos predicados vagos”, os quais estariam a salvo da arbitrariedade advogada pela proposta em relação aos predicados vagos. Tal como vemos, essa separação de casos em relação aos quais a arbitrariedade se aplica e em relação aos quais ela não se aplica é *ad hoc*. Se a arbitrariedade é a essência da vaguidade, não há como sustentar tal separação de casos, exceto por meio de um elemento de arbitrariedade instalado na própria teoria. Por fim, é digno de nota que ambos, conceitos vagos e arbitrais, são contexto-sensíveis/dependentes.

<sup>6</sup>Cf. Cargile (1996).

<sup>7</sup>Confira a apresentação de Lowe (2011) sobre a vaguidade ôntica.

língua tal-e-tal”.

## 2. Advérbios de intensidade e vaguidade predica- tiva

É hora de apresentarmos os principais atores do drama da vaguidade predica-  
tiva que desejamos tratar aqui. Estamos nos referindo a expressões como “pouco”,  
“ligeiramente”, “medianamente”, “muito”, “extremamente” etc. em suas atuações  
como advérbios de intensidade associados a um predicado mais simples, seja ele iso-  
ladamente vago ou não. Isso significa dizer que não estamos interessados aqui na  
performance de “muito”, “pouco” etc. quando esses vocábulos atuam fora de uma  
associação com predicados mais simples, como o predicado “é velho”, por exemplo,  
para efeito de formar o predicado mais complexo “é *muito* velho” (para evitarmos  
ambiguidade, vamos aqui tomar o predicado “é velho”, e seus correlatos, no sentido  
específico da quantidade de tempo de vida detida por alguém, seja ela acompanhada,  
ou não, das características de ter cabelo alvo, pele enrugada, costas curvas, visão  
embaçada etc.).

Linguisticamente falando, o termo “muito” atua como um advérbio de inten-  
sidade do adjetivo “velho” no predicado “é muito velho”. A nossa preocupação aqui  
será apenas com o funcionamento semântico dessas expressões junto a predicados  
mais simples, sejam esses predicados isoladamente vagos ou não. Dizemos “isola-  
damente vagos ou não”, porque, conforme veremos, mesmo que um predicado mais  
simples não seja vago, a sua associação com “pouco”, “mais-ou-menos”, “muito” etc.  
torna vaga a expressão resultante. De acordo com o que já dissemos, as expressões  
em jogo atuam gramaticalmente como advérbios de intensidade junto a adjetivos  
para efeito de formar predicados mais complexos. No entanto, é um erro crasso  
pensar que as expressões em discussão funcionam aumentando/diminuindo a inten-  
sidade da propriedade/conceito envolvidos no respectivo predicado. Dizer de alguém  
velho que ele é *muito* velho não aumenta a propriedade/conceito de ser velho, ou  
seja, a velhice, desse indivíduo (mesmo que seja verdadeiro que alguém muito velho  
tenha um *quantum* de tempo de vida maior do que alguém que seja simplesmente  
velho). Assim, a melhor maneira de compreendermos a atuação das expressões em  
foco é perceber que elas funcionam como predicados dos predicados associados. Isso  
é assim, porque as expressões que investigamos aqui descrevem a intensidade do  
predicado mais simples a elas associado. Nesse sentido, podemos afirmar que as  
expressões em foco funcionam como *indicadores* da intensidade do predicado mais

simples associado às respectivas expressões.<sup>8</sup>

Também é útil observarmos que a vaguidade de predicados como “é ligeiramente velho”, “é medianamente velho” “é muito velho”, “é muitíssimo velho” etc., não tem a ver apenas com a vaguidade do predicado “é velho”. Expressões indicadoras de intensidade são atavicamente vagas e, por conta disso, são capazes de tornar vago um predicado/sentença que isoladamente não é. Para vê-lo, consideremos os predicados “é possuidor de dinheiro” e “é possuidor de *muito* dinheiro”. O conceito de ter dinheiro não é vago, pois qualquer quantidade positiva de dinheiro possuída por alguém o converte em alguém que tem dinheiro. Desse modo, podemos saber *a priori* onde reside a separação exata entre alguém que tem dinheiro e alguém que não tem. Afinal, alguém com 0 dinheiros é alguém que não tem dinheiro algum e alguém com qualquer quantia acima de zero será alguém que tem algum dinheiro. Mas, independentemente de o conceito de ser possuidor de dinheiro não ser vago, o conceito de ser possuidor de *muito* dinheiro é.<sup>9</sup> Afinal de contas, considerando agora uma fila hipotética em que um número suficiente de indivíduos estão ordenados crescentemente segundo suas posses monetárias e diferindo por uma moeda apenas entre si, é impossível, olhando apenas para tal fila, sabermos qual é a quantidade exata de dinheiro que faz alguém deixar de ser um mero possuidor de dinheiro para ser um possuidor de muito dinheiro. Dessa forma, se a associação de um predicado não-vago e uma expressão indicadora de intensidade resulta numa expressão

---

<sup>8</sup>Kennedy e McNally (2010) preconizam que expressões como “muito”, “pouco” etc., quando aplicadas a cores, como em “muito vermelho”, “pouco verde” etc., funcionam como graduadores da proximidade ou do afastamento de um determinado tom/matiz em relação à cor padrão, ou prototípica, a qual, consoante tais autores, é estabelecida contextualmente. Dessa forma, “muito vermelho” faz jus ao tom de vermelho que está bastante próximo ao vermelho padrão, ou prototípico, enquanto “pouco vermelho” faz jus ao tom de vermelho que está bastante afastado do vermelho padrão/prototípico. Não temos espaço aqui para discutirmos se os conceitos de cor são, ou não, vagos *per se* – temos razões para crer que não são. Tampouco temos espaço para discutirmos qual é a perspectiva de sentido de expressões como “muito”, “pouco” etc. nessas associações cromáticas. Entretanto, merece nota o fato de que a proposta de Kennedy e McNally está comprometida com a ideia de que, tanto um matiz mais claro, quanto um matiz mais escuro de vermelho, serão ambos muito vermelhos, desde que os matizes em questão estejam bastante próximos do alegado vermelho prototípico. A perspectiva adotada pelos autores mencionados é a de que o vermelho prototípico figura no centro da escala cromática de tons vermelhos e os advérbios sob discussão medem a distância, ou o desvio, dos tons mais claros e dos mais escuros em relação ao centro da escala. A dificuldade com essa proposta é que “muito” comporta a noção de abundância, excedência, ultrapassamento etc. Isso não é contemplado pela proposta de Kennedy e McNally. Afinal de contas, se um matiz menos claro de vermelho pode ser muito vermelho, fica impossível ver onde a noção de abundância, excedência, ultrapassamento etc. encontra lugar na proposta dos autores em foco. Tais observações indicam fortemente que expressões como “muito *F*”, “pouco *F*” etc. têm outro sentido quando “*F*” representa uma cor.

<sup>9</sup>Algo similar ocorre com o conceito de monte de grãos de trigo. Williamson (1994) argumenta que, ainda que esse conceito não seja vago, o conceito de monte *grande* de grãos de trigo é. Ou seja, a introdução de um conceito vago na trama ocasiona a “vaguificação” do que antes, isoladamente, não era vago.

predicativa vaga, a vaguidade da expressão resultante só pode dever-se à expressão indicadora de intensidade. Vale notar, parenteticamente, que expressões indicadoras de intensidade podem ser duplicadas para efeito de formar predicados vagos ainda mais complexos, caso, por exemplo, do predicado “é muito muito velho”.<sup>10</sup> Também pode ser útil destacar que, ao combinarmos as expressões em jogo, podemos formar predicados oximóricos, caso, por exemplo, do predicado “é muito pouco velho”. Por fim, devemos também assinalar a existência de expressões que, além de funcionarem como indicadores de intensidade, incorporam uma perspectiva de carência ou, então, de imoderação ou de superabundância. É o caso de “insuficiente”, “parcamente” etc. e de “exageradamente”, “excessivamente” etc.

### 3. Conexões importantes entre as expressões indicadoras de intensidade

Um fato especialmente relevante sobre as expressões em exame é a conexão conceitual interna que há entre elas. Considere, por exemplo, as seguintes afirmações:

- (1): Se  $x$  é muito velho e  $y$  é muitíssimo velho,  $y$  é mais velho que  $x$ ;
- (2): Se  $x$  é velho e  $y$  é muito velho,  $y$  é mais velho que  $x$ .<sup>11</sup>

Ora, apesar de não podermos saber aprioristicamente com que idade um indivíduo se torna velho, muito velho ou muitíssimo velho, as proposições expressas em (1) e (2) podem ser conhecidas aprioristicamente, pois são verdades necessárias. Enfim, o que (1) e (2) mostram é que as expressões indicadoras de intensidade estão vinculadas a uma espécie de escala (algo que será particularmente útil para os nossos propósitos aqui). Esse ponto deve ficar mais luminoso, ao considerarmos as afirmações a seguir:

- (3): Se  $x$  é muito velho e  $y$  é mais-ou-menos/medianamente velho,  $y$  é menos

---

<sup>10</sup>É importante a observação de que o que está em jogo acima em relação ao predicado “é muito velho”, e congêneres, é o seu uso intensificador real. Essa ênfase é relevante, porque a duplicação em jogo também pode ser empregada figurativamente na forma de hipérbole. Nesse caso, não há uma modulação a maior na intensidade da expressão.

<sup>11</sup>É conveniente dizer que sentenças como “Fulano é mais/menos velho que Beltrano” têm um uso duplo no que tange à questão de serem ambos os indivíduos velhos ou não. Quando “ser mais/menos velho que” é usado com o mesmo sentido de “ter mais/menos idade que”, o fato de Fulano ser mais/menos velho que Beltrano não acarreta que ambos sejam velhos. Nesse caso ambos podem ser velhos, ambos não-velhos ou um deles velho e o outro não. Isso vale para qualquer sentença comparativa do gênero. Por isso, sempre que as empregarmos nesse texto, tentaremos deixar explícito se são ambos predicáveis, ou não, com o predicado em curso, ainda que o contexto possa não suscitar dúvidas a respeito do assunto.

velho que  $x$ ;

(4): Se  $x$  é medianamente/mais-ou-menos velho e  $y$  é moderadamente velho,  $y$  é menos velho que  $x$ ;

(5): Se  $x$  é moderadamente velho e  $y$  é ligeiramente/pouco/poucamente velho,  $y$  é menos velho que  $x$ ;

(6): Se  $x$  é ligeiramente/pouco/poucamente velho e  $y$  é meramente/simplesmente velho,  $y$  é menos velho que  $x$ .

As afirmações abaixo também exprimem relações estruturais importantes entre as expressões indicadoras de intensidade em sua performance predicativa:

(7): Se  $x$  é velho,  $y$  é muito velho e  $z$  é muito muito velho,  $y$  é mais velho que  $x$  e menos velho que  $z$ ;

(8): Se  $x$  é quase velho,  $x$  não é velho;

(9): Se  $x$  é quase ligeiramente velho,  $x$  é meramente/simplesmente velho.

A lista de (1) a (9) não se pretende exaustiva. Mesmo assim, afirmações como elas é que irão permitir-nos fixar as regiões em que as extensões dos predicados vagos em jogo se situam numa determinada série hipotética de indivíduos etariamente velhos, ainda que não saibamos com que idade específica algo/alguém é simplesmente velho, medianamente velho, muitíssimo velho etc. Sendo assim, vamos começar concebendo uma fila suficientemente grande, porém finita<sup>12</sup>, de indivíduos etariamente velhos, os quais se encontram organizados de maneira crescente em relação às suas idades e que não difiram entre si por mais de 1 segundo em relação a elas (se o leitor preferir uma diferença de idade menor, deve ficar à vontade para escolher a que lhe aprouver). Vamos agora conjecturar que “ $n$ ” represente a idade a partir da qual alguém passa a ser velho, velho *simpliciter*. Tal conjectura, precisamos alertar, seria prontamente rejeitada pela concepção semanticista de tratamento da vaguidade e do sorites. Mas, não o seria pela concepção epistemicista, que é a que irá orientar-nos nessa jornada.<sup>13</sup> Em termos muito gerais, o epistemicismo postula que as fronteiras dos conceitos/predicados vagos são semanticamente definidas e que o fenômeno da vaguidade reside em alguma forma de ignorância sobre onde precisamente elas se lo-

---

<sup>12</sup>É importante destacar que conceitos como os de ser etariamente jovem, etariamente velho, de meia-idade etc. não se aplicam a entidades eternas. Tais conceitos implicam temporalidade inicial ou final, e entidades eternas são atemporais em termos de início ou fim. Além disso, os conceitos de ser de meia-idade e de ser velho, não se aplicam a entidades que não são eternas, mas são imortais ou indestrutíveis. Isso é assim, porque tais conceitos implicam atemporalidade apenas finalística das entidades que recebem a respectiva atribuição. Essas distinções são importantes, porque justificam a finitude da fila hipotética invocada no argumento acima.

<sup>13</sup>Sendo ainda mais específicos, iremos orientar-nos pela perspectiva epistemicista esposada por Valcarengi (2024). Ele afirma que vaguidade é ignorância necessária *a priori*, mas não necessariamente *a posteriori*. Para outros tratamentos epistemicistas da vaguidade, confira Williamson (1994), Cargile (1996) e Sorensen (2001).

calizam. Desse modo, de acordo com a abordagem epistemicista, existe um número  $n$  representando a idade de certos indivíduos e que separa, com exatidão, velhos de não-velhos. A dificuldade, segundo o epistemicismo, estaria em poder saber, ou não, que número é aquele.

Isso posto, agora temos que suscitar uma questão crucial em relação à fila hipotética invocada acima. Se se trata de uma fila suficientemente extensa, porém finita, ela tem, pelo menos, um indivíduo que seja minimamente velho, o qual, em sintonia com o que assumimos acima, possui a idade  $n$ , e, pelo menos, um indivíduo que seja maximamente velho.<sup>14</sup> Vamos assumir que “ $m$ ” representa a idade máxima na fila em questão. Em adição, vamos assumir que a fila de indivíduos etariamente velhos sob exame esteja ancorada num determinado mundo possível. Em outras palavras, há um mundo possível em que todos os indivíduos velhos que nele existem estão enfileirados em função dos cânones já expressos acima. Essa ancoragem está totalmente de acordo com a perspectiva assumida por Valcarenghi (2024) que postula que os conceitos/predicados vagos têm suas extensões e, consequentemente, as suas divisões extensionais sempre relativas a um dado mundo possível.<sup>15</sup>

## 4. A aplicação de algumas ideias vistas até aqui a dois outros conceitos vagos

Assentados nas considerações feitas acima, queremos extrair lições importantes para a discussão da vaguidade por meio da reflexão sobre dois conceitos vagos em particular: o de ser economicamente caro e o de ser economicamente barato. Que tais conceitos são vagos, parece-nos incontroverso. Afinal, ambos admitem associação com as expressões intensificadoras, como “mais” e “menos”, de modo que podemos afirmar que certo item é mais/menos caro/barato do que outro. Além do mais, ambos os conceitos em foco são “soritizáveis”. Senão, confirmamos os argumen-

---

<sup>14</sup>Alguém poderia reclamar que, para predicados como “é alto”, “é rico”, “é forte” etc., não cabe a associação da expressão “maximamente”, pois, em termos puramente “possibilísticos”, não pode existir o(s) mais alto(s), o(s) mais rico(s), o(s) mais forte(s) etc. Porém, é preciso lembrar que as escalas de altura, riqueza, força etc. podem ser relativizadas a um mundo possível em que haja nele um indivíduo que seja o mais alto, o mais rico, o mais forte etc. Então, a fila hipotética que assumimos acima é perfeitamente possível, e é só disso que precisamos aqui.

<sup>15</sup>Como se pode notar, Valcarenghi (2024) defende uma forma de contextualismo objetivo em relação aos conceitos/predicados vagos. Essa perspectiva assume que ser velho, feliz, calvo etc. é algo ligado a uma classe de comparação ocorrente num dado mundo possível. Desse modo, a sentença “ $x$ , com 100 anos de idade, é velho” pode ser verdadeira num dado mundo possível e falsa em outro. Esse fato é componente essencial da contexto-dependência/sensibilidade dos conceitos/predicados vagos. Para a defesa de um contextualismo subjetivo (ou intersubjetivo), vide Raffman (1994) e Graff (2000).

tos soríticos a seguir:

(**SB**):

- (1)  $x$ , sendo vendido a 1 centavo, é barato;
- (2)  $x$ , sendo vendido a 2 centavos, é barato;
- (3)  $x$ , sendo vendido a 3 centavos, é barato;
- (4)  $x$ , sendo vendido a 4 centavos, é barato;

•  
•  
•

**Segue-se que**  $x$ , sendo vendido por 1 sextilhão de centavos, é barato.

(**SC**):

- (1)  $x$ , sendo vendido a  $10^{21}$  centavos, o que equivale a 1 sextilhão de centavos, é caro;
- (2)  $x$ , sendo vendido a  $10^{21} - 1$  centavos, é caro;
- (3)  $x$ , sendo vendido a  $10^{21} - 2$  centavos, é caro;
- (4)  $x$ , sendo vendido a  $10^{21} - 3$  centavos, é caro;

•  
•  
•

**Segue-se que**  $x$ , sendo vendido por 1 centavo, é caro.

Da mesma maneira que (**PW**), partimos de verdades e chegamos a falsidades por um caminho argumentativo presumivelmente válido.<sup>16</sup> A impossibilidade de sabermos *a priori* onde terminam as verdades e começam as falsidades nos argumentos acima é em que consiste a visão epistemicista de tratamento da vaguidade e do sorites proposta em Valcarengi (2024). O que faremos a seguir, manejando essa visão, é mostrar que não podemos saber aprioristicamente onde terminam as verdades e começam as falsidades nos argumentos acima, mas podemos fazê-lo *a posteriori*. Essa é a lição que os conceitos de ser caro/barato irão nos ensinar aqui.

Assim, vamos agora supor que certo item,  $x$ , esteja à venda por  $n$  dinheiros. O que faz  $x$  ser economicamente caro ou barato *simpliciter*, *per se*? Tal como vemos as coisas, a resposta correta depende da distância, a maior ou a menor, entre  $n$  e o

<sup>16</sup>É importante observarmos que a paradoxalidade de (**SB**) e (**SC**) não depende de ser indubitavelmente verdadeiro que  $x$  sendo vendido a 1 centavo o torna barato nem que  $x$  sendo vendido a 1 sextilhão de centavos o torna caro. Pois, ainda que alguém nutra dúvidas razoáveis sobre se as premissas iniciais de (**SB**) e (**SC**) são verdadeiras, a incompatibilidade entre (1) de (**SB**) e a conclusão de (**SC**) e a incompatibilidade entre (1) de (**SC**) e a conclusão de (**SB**) são límpidas. Ora, posto que tais argumentos sempre podem acompanhar um ao outro, suas paradoxalidades ficam garantidas, a despeito da dúvida circunstancial acerca de se aqueles valores particulares tornam  $x$  factualmente caro, ou não, barato, ou não.

preço-médio de itens ou serviços do mesmo tipo. Essas considerações sugerem que, se  $n >$  preço-médio de  $x$ , então  $x$  é caro e que, se  $n <$  preço-médio de  $x$ , então  $x$  é barato. Bem, pensamos que seja assim mesmo, de modo que os conceitos expressos nos consequentes desses condicionais são analiticamente necessários aos conceitos de ser caro/barato (se são também suficientes, é algo com o que não nos ocuparemos aqui). Portanto:

(10): Se  $x$  é economicamente caro *per se*, o preço de  $x$  está acima do preço-médio de bens de negócio – mercadorias ou serviços – da mesma espécie de  $x$ ;

(11): Se  $x$  é economicamente barato *per se*, o preço de  $x$  está abaixo do preço-médio de bens de negócio – mercadorias ou serviços – da mesma espécie de  $x$ .

Tal como cremos, (10) e (11) permitem estabelecer com limpidez o núcleo, ou a fonte, da vaguidade dos conceitos de ser economicamente caro/barato *per se*, ou *simpliciter*. Trata-se do fato de que não somos capazes de precisar *a priori* qual é o preço-médio de itens/serviços da mesma espécie de  $x$ . Por essa razão, a vaguidade dos conceitos de caro/barato exige que pesquisemos o mercado de oferta de bens de negócio e façamos as devidas comparações de preços para podermos determinar o preço-médio do tipo de item que recebe a atribuição dos respectivos conceitos.<sup>17</sup> Em suma, ainda que possamos saber *a priori* qual é a estrutura conceitual que explica os conceitos de caro/barato, isso não nos permite saber *a priori* quando algo barato deixa de sê-lo ou quando algo caro deixa de sê-lo. A razão é que a estrutura dos conceitos vagos prevê um espaço semântico cuja devida saturação depende de conhecimento exclusivamente empírico, *a posteriori*.

Tentaremos tornar o ponto ainda mais claro ao confrontar (10) e (11) com alguns casos. Vamos supor que, num certo mundo possível, os preços de um determinado tipo de item/serviço não apresentem variação nenhuma. Bem, nesse caso, não faz sentido dizermos que algo ali é (economicamente) caro/barato *simpliciter*. Ocorre que essa falta de sentido é perfeitamente capturada pelas propostas de análise que expressamos via (10) e (11). Afinal, dado que não há distância entre os preços dos bens de negócio pertencentes às suas respectivas classes de comparação, nenhum deles é propriamente caro/barato *simpliciter*, ou *per se*. É bem verdade,

---

<sup>17</sup>O mercado de itens/serviços, devidamente relativizado a um determinado mundo possível, constitui a classe de comparação relevante para determinarmos se algo é caro ou barato. Trata-se, obviamente, de algo cujos valores específicos só podemos saber *a posteriori*. A comparação aludida também pode ser relativizada a um espaço maior ou menor. Por exemplo, podemos dizer que  $x$  é caro/barato em relação a um dado lugar, a um conjunto de fornecedores, a um conjunto de itens de gênero diverso etc.

porém, que eles poderiam ser caros/baratos *relativamente a alguém, para alguém, em consideração de alguém* etc. As sentenças “ $x$  é caro em relação a alguém”, “ $x$  é caro para alguém”, “ $x$  é caro em consideração de alguém” etc. estabelecem o fato de que o preço de  $x$  ultrapassa a capacidade financeira de aquisição do correspondente bem de negócio pelo respectivo indivíduo. Da mesma maneira, as sentenças “ $x$  é barato em relação a alguém”, “ $x$  é barato para alguém” etc. são usadas no sentido de que o preço de algum bem comercial é inferior à capacidade financeira de certo indivíduo para fim de comprá-lo.<sup>18</sup> Em outras palavras, os predicados em exame não se referem à mesma propriedade/conceito a que se referem os predicados vinculados aos conceitos/propriedades de ser caro e de ser barato *per se, simpliciter*.

O próximo caso tem a ver com a participação das expressões “é caro” e “é barato” em predicados aplicados a obras de arte, que são bens comerciais singulares. Ora, alguém pode dizer, sem qualquer incorreção, que quem pagar apenas 1 centavo pela obra A Última Ceia, de Leonardo da Vinci, pagará estratosféricamente barato, enquanto quem pagar 1 sextilhão de centavos pela obra Latas de Sopa Campbell, de Andy Warhol, pagará estratosféricamente caro. Ocorre que, também sem qualquer incorreção, alguém pode dizer justamente o oposto, que quem pagar apenas 1 centavo pela obra A Última Ceia, de Leonardo da Vinci, pagará estratosféricamente caro, enquanto quem pagar 1 sextilhão de centavos pela obra Latas de Sopa Campbell, de Andy Warhol, pagará estratosféricamente barato. Seriam tais casos contraexemplos legítimos às propostas de análise oferecidas acima? Definitivamente, não. Isso porque, mais uma vez, topamos com conceitos/propriedades que, apesar de diferentes, encontram-se atrelados às mesmas expressões. Gostos estéticos à parte, e *data venia* a quem tem preferência estética por um conjunto de serigrafias representando latas de sopa, mas preços pagos por obras de arte não refletem a careza ou a barateza *per se* nem a careza ou a barateza relativamente a alguém. Os predicados “é uma obra de arte cara” e “é uma obra de arte barata” são apenas a materialização, em termos econômicos, do gosto estético do usuário do predicado em relação às respectivas obras e em relação à hierarquização estética que ele mesmo realiza sobre elas. Em resumo, os termos “caro(a)” e “barato(a)” são polissêmicos (nenhuma novidade aqui, nem mesmo as linguagens artificiais estão totalmente protegidas desse fenômeno) e eles participam de predicados que se referem a diferentes conceitos/propriedades. Só nos resta tentar evitar as ilusões causadas pela mera aparência da linguagem.

---

<sup>18</sup>Os conceitos de ser caro/barato em relação a alguém parecem depender, não apenas da capacidade financeira objetiva do indivíduo, algo que depende do preço do respectivo bem de negócio, mas também do prazo inicial e final de pagamento, do montante disponível ao sujeito ao tempo do pagamento de eventuais parcelas etc.

Há outro aspecto a respeito dos conceitos em jogo que merece reflexão adicional. Por exemplo, alguém poderia pensar que, se uma coisa é cara, então sempre seria preciso um montante considerável de dinheiros para comprá-la. Mas, não é assim para os conceitos de ser caro e de ser barato *per se*, ou seja, que não consideram a capacidade financeira de alguém em particular. Para vê-lo, vamos invocar o conceito diametralmente oposto, o de ser barato. Suponhamos que alguém tenha alguma quantidade de dinheiro, não importa quanto. Suponhamos também que certo item/serviço custe 0,0000001% de sua posse monetária. É caro ou barato? Se olharmos apenas para a capacidade financeira do sujeito, parece perfeitamente possível dizermos que se trata de um item muitíssimo barato para o sujeito em jogo. No entanto, vamos supor que o item/serviço em jogo custe dez vezes mais do que a média de preços do mercado (qualquer que seja a circunscrição do mercado, contanto que seja relevante). Nesse caso, não diremos que é barato, diremos que é caro. Sendo assim, o caso exemplifica a ideia de que a careza/barateza *simpliciter* de um determinado bem de negócio não tem estritamente a ver com a quantidade de dinheiro que alguém teria de dispor para adquiri-lo ou com a capacidade financeira específica desse alguém, mas com uma classe de comparação que se encontra implícita no uso dos predicados vagos – o mercado de negócios do respectivo bem – além da distância, para cima ou para baixo, do preço desse bem em relação à média dos preços de sua espécie nesse mesmo mercado.<sup>19</sup>

Na próxima seção, tentaremos explicar como atuam, em termos de distribuição extensional, as expressões indicadoras de intensidade em suas aplicações predicativas. Veremos que é possível fazer isso sem que precisemos saber com que idade específica algo/alguém deixa de ser não-velho e passa a ser velho.

## 5. A atuação e a calibração semântica de expressões como “pouco”, “muito”, “medianamente”, “muitíssimo” etc. em suas associações predicativas

Tal como já sabemos, expressões como “pouco”, “mais-ou-menos”, “muito” etc. cumprem o papel de indicar a intensidade dos predicados isoladamente mais simples com os quais aquelas expressões se associam. O objetivo dessa seção é mostrar como tais expressões podem ser tornadas precisas em relação às suas distribuições extensionais. Segundo a concepção epistemicista, vaguidade não é imprecisão,

---

<sup>19</sup>O conceito de classe de comparação implícita é essencial para o entendimento de como funcionam os predicados/conceitos vagos. Confira Ludlow (1989) e Valcarenghi (2024).

indeterminação ou indecidibilidade semânticas, mas ignorância necessária de algum tipo sobre onde se localizam as divisões precisas discernindo calvos de não-calvos, felizes de não-felizes, velhos de não-velhos etc. Contudo, conforme mostraremos, não precisamos saber onde ficam exatamente as fronteiras extensionais para explicar a atuação e a calibração das expressões indicadoras de intensidade em relação aos predicados em que incidem. Para cumprir essa tarefa, precisamos basicamente de três coisas: (i) a fila hipotética de indivíduos etariamente velhos que assumimos anteriormente; (ii) a tese de que existe um número  $n$  que determina as separações exatas das divisões extensionais positivas e negativas dos predicados/conceitos vagos; (iii) afirmações tais como as de (1) a (9).

Vamos considerar que a linha pontilhada a seguir represente a fila hipotética de indivíduos etariamente velhos a qual temos assumido aqui. Vamos supor também que suas idades progridam discreta e equilibradamente da esquerda para a direita da linha:

.....

Considerando que “ $n$ ” representa a idade que separa não-velhos de velhos e “ $m$ ” a idade máxima da sequência,  $n$  tem que corresponder ao início da linha e  $m$  ao fim. Logo:

.....

$n$   $m$

Tais balizas serão fundamentais na distribuição das regiões extensionais das expressões indicadoras de intensidade em sua performance predicativa.<sup>20</sup> Consequentemente:

- (12):  $x$  é minimamente velho se, e somente se,  $x$  tem a idade  $n$ ;  
 (13):  $x$  é maximamente velho se, e apenas se,  $x$  tem a idade  $m$ .

Dado que  $n$  é a idade dos minimamente velhos,  $n$  também tem de ser a idade dos meramente/simplesmente velhos, ou seja, de alguém que seja velho *simpliciter*. Desse modo:

- (14):  $x$  é minimamente velho se, e só se,  $x$  é meramente/simplesmente velho.

<sup>20</sup>O que em breve iremos propor para tratar das expressões indicadoras de intensidade em suas performances predicativas é compatível com o fato de que  $n$  e  $m$ , as pontas da sequência acima, possam assumir valores diferentes no tempo, de modo que a sequência possa não apenas ser transportável entre mundos possíveis, mas também possa ser transportada diacronicamente no mesmo mundo possível. Isso permite que a sequência se acomode às mudanças das idades mínimas e máximas no tempo de um mundo possível específico, se assim desejarmos.

Tais balizas e suas correspondentes representações gráficas são fundamentais. Contudo, elas estão longe de serem suficientes para os propósitos desse ensaio. Precisamos também de uma posição intermediária. Afinal, é nela que os mais-ou-menos/medianamente velhos estão posicionados. Ora, uma vez que se trata de uma baliza que intermedia  $n$  e  $m$ , ela tem que ser estabelecida pela média aritmética simples das idades que correspondem a  $n$  e  $m$ . Em outras palavras, a baliza intermediária é dada por  $(n+m)/2$ .<sup>21</sup> Então:

$$\begin{array}{ccc} n & (n+m)/2 & m \end{array}$$

Por essa razão:

(15):  $x$  é medianamente/mais-ou-menos velho se, e apenas se,  $x$  tem a idade  $(n+m)/2$ .

Vamos considerar agora o ponto-médio entre  $n$  e  $(n+m)/2$ , ou seja,  $(n+(n+m)/2)/2$ . Na sequência:

$$\begin{array}{ccc} n & (n+(n+m)/2)/2 & (n+m)/2 \\ & & m \end{array}$$

Ora, os que têm uma idade superior a  $n$  e até  $(n+(n+m)/2)/2$  são os ligeiramente/pouco/poucamente velhos. Assim:

(16):  $x$  é ligeiramente/pouco/poucamente velho se, e só se,  $x$  tem uma idade maior que  $n$  e menor que  $(n+(n+m)/2)/2$ .

Dadas as considerações acima, parece claro que aqueles que têm idade igual ou maior que  $(n+(n+m)/2)/2$ , porém menor que  $(n+m)/2$  são os moderadamente velhos. Sendo assim:

(17):  $x$  é moderadamente velho se, e apenas se,  $x$  tem uma idade igual ou maior que  $(n+(n+m)/2)/2$  e menor que  $(n+m)/2$ .

Antes de rumarmos em direção à metade superior da sequência de indivíduos idosos, é importante explicar por que cargas d'água os moderadamente velhos partem de  $(n+(n+m)/2)/2$ , em vez de partirem de alguma idade *acima* de  $(n+(n+m)/2)/2$ . Conforme vemos, a expressão “moderadamente” tem um sentido inerente de contenção ou controle. Ora, numa comparação direta, partir de  $(n+(n+m)/2)/2$ , em vez de

<sup>21</sup>Para o tratamento de casos especiais envolvendo sequências que não poderiam comportar pontos-médios representáveis por números que não fossem inteiros, confira Valcarenghi (2024). A sequência envolvendo o predicado “é velho” e suas combinações com expressões indicadoras de intensidade não enfrenta essa dificuldade, pois algo/alguém pode ter uma idade representável com números não-inteiros.

partir de uma idade acima de  $(n+(n+m)/2)/2$ , representa justamente a contenção, o controle.

Isso posto, parece-nos seguro dizer que os que estão na faixa etária acima de  $(n+m)/2$  devem ser os muito velhos. Afinal, o sentido envolvendo o termo “muito” é o de ultrapassamento daquilo que é equilibrado, ponderado. Ora, o equilibrado/ponderado na sequência em jogo só pode ser o seu ponto-médio, ou seja,  $(n+m)/2$ . Sendo assim, os muito velhos têm de estar na região etária acima de  $(n+m)/2$  – um pouco mais à frente, veremos que a ideia de ultrapassamento dos pontos-médios para os casos da incidência de “muito” também encontra guarida em relação aos casos duplicativos desse termo, como ocorre, por exemplo, no predicado “é muito muito velho”. Na faixa etária acima de  $(n+m)/2$  também estão situados os maximamente velhos. É evidente que, se algo/alguém é maximamente velho, também é muito velho. Mas, e o condicional inverso, seria ele verdadeiro? Não, não é. Para o vermos, acompanhemos o diálogo que segue:

- Eu tenho dois amigos velhos: um é muito velho e o outro é maximamente velho.
- Ah, já sei, eles têm a mesma idade ou, então, o maximamente velho é menos velho que o muito velho.

Ora, a segunda fala nos parece manifestamente falsa. E, mesmo que haja uma inversão na ordem da aparição inicial de “muito” e “maximamente”, a percepção não se altera. Senão, vejamos:

- Eu tenho dois amigos velhos: um é maximamente velho e o outro é muito velho.
- Ah, já sei, eles têm a mesma idade ou, então, o maximamente velho é menos velho que o muito velho.

Sendo assim:

(18):  $x$  é muito velho se, e só se, a idade de  $x$  é maior que  $(n+m)/2$  e menor que  $m$ .

O quadro que desejamos oferecer aqui para a distribuição extensional dos predicados contendo expressões indicadoras de intensidade ainda não está completo. Temos que perseguir outras expressões importantes, caso de “muitíssimo”, “extremamente”, “estratosfericamente”, “quase” e “muito pouco”, além de oferecermos explicação para as utilizações não-figurativas de predicados em que os termos “quase” e “muito” aparecem de maneira repetida. Também é preciso elucidar a incidência não-figurativa dos prefixos “super”, “hiper” e “ultra”.

Vamos começar com as expressões “muitíssimo” e “extremamente” (assumiremos que a expressão “estratosfericamente”, quando não é utilizada de maneira puramente metafórica, significa o mesmo que “extremamente”). Nós esposaremos

aqui a ideia de que as expressões sobreditas são de alguma maneira redutíveis a combinações duplicativas do termo “muito”. Já sabemos que algo/alguém muitíssimo velho é mais velho que algo/alguém muito velho. Há, portanto, uma diferença a maior na idade dos muitíssimo velhos em relação aos muito velhos. Mas, em que região da sequência residem os muitíssimo velhos? Ora, não faz sentido adotarmos a ideia de que o predicado “é muitíssimo velho” significa o mesmo que “é maximamente velho”. Para vermos que é assim, considere o seguinte diálogo:

— Eu tenho dois amigos velhos: um é muitíssimo velho e o outro é maximamente velho.

— Ah, já sei, eles têm a mesma idade ou, então, o maximamente velho é menos velho que o muitíssimo velho.

A segunda fala não tem como ser verdadeira. E nada muda, se a ordem de aparição inicial de “muitíssimo” e “maximamente” for invertida. Isto é:

— Eu tenho dois amigos velhos: um é maximamente velho e o outro é muitíssimo velho.

— Ah, já sei, eles têm a mesma idade ou, então, o maximamente velho é menos velho que o muitíssimo velho.

Pelas mesmas razões, também não é razoável equacionar o sentido da expressão “muitíssimo” com “extremamente”. Para vermos o porquê, consideremos o próximo diálogo:

— Eu tenho dois amigos velhos: um é muitíssimo velho e o outro é extremamente velho.

— Ah, já sei, eles têm a mesma idade ou, então, o extremamente velho é menos velho que o muitíssimo velho.

Novamente, a segunda fala não se sustenta. E, de novo, ainda que a ordem de aparição de “muitíssimo” e “extremamente” seja invertida, nada muda. Ou seja:

— Eu tenho dois amigos velhos: um é extremamente velho e o outro é muitíssimo velho.

— Ah, já sei, eles têm a mesma idade ou, então, o extremamente velho é menos velho que o muitíssimo velho.

Tais considerações nos conduzem à conclusão de que as afirmações a seguir também configuram verdades necessárias acerca do tópico sob discussão:

(19): Se  $x$  é muitíssimo velho e  $y$  é maximamente velho, então  $y$  é mais velho que  $x$ ;

(20): Se  $x$  é muitíssimo velho e  $y$  é extremamente velho, então  $y$  é mais velho que  $x$ .

Sendo assim, a alternativa que acreditamos ser a mais natural é a de que “muitíssimo” nada mais é que a duplicação de “muito” e que, por essa razão, os predicados “é muitíssimo velho” e “é muito muito velho” significam a mesma coisa (vale a mesma observação para todos os superlativos, de maneira que alguém felicíssimo é alguém muito muito feliz, alguém calvíssimo é alguém muito muito calvo etc., etc.). Logo:

(21):  $x$  é muitíssimo velho se, e apenas se,  $x$  é muito muito velho.

Queremos agora averiguar o que acontece em termos de divisão extensional quando multiplicamos a ocorrência de “muito” no predicado “é muito velho”. Já vimos que os muito velhos se situam na faixa etária entre  $(n+m)/2$  e  $m$ . Ora, a única maneira de empregarmos não-metaforicamente predicados como “é muito muito velho”, “é muito muito muito velho”, “é muito muito muito muito velho” etc., é assumirmos que cada duplicação de “muito” secciona, de uma maneira proporcional ao número de duplicações, a sequência exibida pela linha pontilhada na região entre  $(n+m)/2$  e  $m$ . A ideia, então, é a de que “muito muito” divide em duas partes a região abrangida por “muito”, que “muito muito muito” divide em duas partes a região abrangida por “muito muito” e assim por diante.

Para começarmos a ver como, em função da reduplicação do termo “muito” nas respectivas associações predicativas, acontece a distribuição das regiões extensionais na sequência em discussão, vamos assumir que a letra “ $v$ ” sobrescrita na expressão “muito <sup>$v$</sup> ” represente a quantidade de vezes em que “muito” se encontra multiplicado no interior dos predicados correspondentes. Assim, “muito<sup>1</sup>” equivale a “muito”, “muito<sup>2</sup>” equivale a “muito muito”, “muito<sup>3</sup>” equivale a “muito muito muito” e assim por diante. Destarte, podemos agora acrescentar outra verdade necessária ligada ao tema sob discussão, a saber:

(22) Se  $x$  é muito <sup>$v$</sup>  velho,  $x$  é muito <sup>$v-1$</sup>  velho.

Ora, em termos extensionais, a aplicação de “muito” ao predicado “é muito velho” divide em duas partes a região superior ao ponto-médio entre  $(n+m)/2$  e  $m$ . Dessa maneira, os muito muito velhos serão aqueles cujas idades se estendem para além de  $((n+m)/2)+m)/2$ , mas sem atingir  $m$ . Para facilitar a compreensão, vamos considerar apenas a *seção final* da linha pontilhada, que será ampliada graficamente conforme segue:

.....  
 $(n+m)/2$   $((n+m)/2)+m)/2$   $m$

**(23):**  $x$  é muito muito velho se, e apenas se, a idade de  $x$  é maior que  $((n+m)/2)+m)/2$  e menor que  $m$ .

A determinação da região extensional dos muito muito muito velhos, dos muito muito muito muito velhos e assim avante segue o mesmo esquema, que chamaremos aqui de “calibração”, da extensão geral dos muito velhos, isto é: a extensão que comporta os muito velhos é dividida proporcionalmente a cada aplicação de “muito” ao predicado “é muito velho”. A calibração em questão sintoniza, ou refina, as extensões em função da reduplicação do termo “muito” no respectivo predicado. Por conta disso, os muito muito muito velhos, por exemplo, estarão dispostos acima do ponto-médio que há entre  $((n+m)/2)+m)/2$  e  $m$ , porém abaixo de  $m$ .<sup>22</sup> Graficamente:

Portanto:

(24):  $x$  é muito muito muito velho se, e somente se, a idade de  $x$  é maior que  $(((((n+m)/2)+m)/2)+m)/2$  e menor que  $m$ .

Vamos tratar agora da palavra “extremamente” em relação à sua incidência no predicado “é extremamente velho”. Parece estar no âmago do sentido de “extremamente” a ideia de estar próximo das extremidades e, portanto, de estar próximo dos limites máximos de alguma coisa. Nesse caso:

**(25):** Se  $x$  é extremamente velho, a idade de  $x$  é quase  $m$  (alternativamente: a idade de  $x$  é próxima de  $m$ ).

Vamos tentar deixar as coisas ainda mais precisas. Tal como já constatamos através das afirmações (8) e (9), o termo “quase” tem a função de posicionar algo *imediatamente* aquém em relação a uma dada classificação e, conseqüentemente, em relação a uma dada região extensional. Também conforme já vimos, ser extremamente velho é ser mais velho do que ser muitíssimo velho (ou, em termos

<sup>22</sup>Podemos generalizar o caso acima. Para tanto, vamos convencionar que “ $PM^+$ ” se refira a algum ponto-médio genérico pertencente ao segmento superior da sequência, isto é, que seja pertencente ao segmento que parte de  $(n+m)/2$ . Vamos convencionar também que a letra “ $v$ ” sobrescrita em “ $PM^{+v}$ ” informe, via substituição por números inteiros positivos, a posição, da esquerda para a direita, do respectivo ponto-médio no segmento superior da sequência. Assim, a expressão “ $PM^{+1}$ ” irá representar o ponto-médio  $(n+m)/2$ , “ $PM^{+2}$ ” irá representar o ponto-médio  $((n+m)/2+m)/2$  e assim por diante. Desse modo, podemos afirmar o seguinte:  $x$  é muito <sup>$v$</sup>  velho se, e só se, a idade de  $x$  é maior que  $PM^{+v}$  e menor que  $m$ .

equivalentes, do que ser muito muito velho). Isso significa dizer que possuir uma idade quase/próxima de  $m$  é ter uma idade maior que a dos muito muito velhos, mas aquém dos maximamente velhos. Sendo assim:

(26):  $x$  é extremamente velho se, e apenas se,  $x$  tem uma idade maior que a dos muito muito velhos, porém menor que  $m$ .

Embora não tenhamos o objetivo de exaurir o mapeamento extensional das expressões indicadoras de intensidade em suas associações predicativas, temos mapeado um conjunto importante delas. E continuaremos esse movimento, porque falta-nos elucidar, por exemplo, a expressão “muito pouco”, bem como expressões indicadoras de intensidade que carregam um sentido de carência ou de excesso, como, por exemplo, “insuficiente” e “parcamente”, por um lado, e “exageradamente” e “excessivamente”, por outro. Temos que tratar também de expressões prefixais como “super”, “hiper” e “ultra” em suas associações predicativas.

Vamos começar com os casos mais simples. Nós consideramos que podemos invocar diálogos hipotéticos similares àqueles que demos há pouco para efeito de mostrar tudo o que desejamos com esse parágrafo. Nesse sentido, assumimos que a expressão “parcamente” seja sinônima do grupo de expressões, todas igualmente sinônimas, “ligeiramente”, “pouco” e “poucamente”, cujas explicações concernentes já foram dadas antes. Sob a mesma perspectiva argumentativa, pensamos que o vocábulo “insuficiente” possui a mesma função significativa de “quase”. Ou seja, dizer que alguém é insuficientemente velho, é dar um passo atrás na classificação extensional, pois é o mesmo que dizer que alguém ainda não é velho (essa observação vale para as demais regiões de classificação da sequência de indivíduos anosos assumida aqui). Um recurso àquela mesma argumentação utilizando diálogos hipotéticos permitir-nos-ia mostrar que as expressões “exageradamente” e “excessivamente” têm a mesma função. Ambas querem dizer a mesma coisa que “extremamente”, cuja explicação já foi dada antes. Mantendo-nos na linha das considerações acima, julgamos que as expressões prefixais “super”, “hiper” e “ultra” encapsulam a ideia de “muito” e de suas duplicações. Segue-se disso que os predicados “é supervelho”, “é hiper-velho” e “é ultravelho” correspondem, na ordem, às expressões “é muito velho”, “é muito muito velho” e “é muito muito muito velho”, que já foram explanadas antes.

Já a expressão “muito pouco”, haja vista a sua atuação no predicado “é muito pouco velho”, merece um cuidado especial. Tal como vemos, essa expressão abarca, em termos extensionais, uma parte inicial dos ligeiramente/poucamente/pouco velhos. Nesse caso, algo análogo ao que acontece com a construção “muito muito” tem lugar. A saber:

(27) Se  $x$  é muito pouco velho,  $x$  é pouco velho.

Sendo assim, podemos estabelecer que:

(28):  $x$  é muito pouco velho se, e somente se,  $x$  tem idade maior que  $n$  e menor que  $(n+(n+(n+m)/2)/2)/2$ .<sup>23</sup>

Por fim, é preciso perceber que nem todas as construções duplicativas de “pouco”, misturadas ou não com “muito”, são relevantes para essa discussão. Afinal, para muitos casos, essas construções duplicativas com o termo “pouco” são meramente figurativas. Por exemplo, parece-nos que as construções “é pouco pouco velho”, “é muito muito pouco velho”, “é muito pouco muito velho”, ou similares, são apenas eufemismos e hipérboles. Nesse caso, elas não instauram um ponto, ou uma região, extensional que seja relevante para a sequência de indivíduos anosos com que temos lidado nesse ensaio.

## 6. Comentários finais

Conforme temos assumido desde o começo, as teses defendidas aqui estão profundamente alicerçadas na concepção epistemicista a respeito da vaguidade e do sorites. Segundo temos demonstrado, as expressões indicadoras de intensidade têm, em suas utilizações predicativas não-figurativas, um lugar precisamente delineável em termos extensionais em qualquer sequência relevante de indivíduos reais ou puramente hipotéticos que estejam ordenados por diferenças sutis no que tange ao *quantum* de idade, fios de cabelo, posse de moeda, altura, sensação de felicidade etc. Tal como já observamos, os números  $a$  que correspondem às variáveis  $n$  e  $m$  (da sequência hipotética de indivíduos projectos representada pela linha pontilhada empregada ao longo desse ensaio) não são cognoscíveis *a priori*. No entanto, se estivermos certos, as relações que permitem estabelecer com exatidão as diferentes e relevantes divisões extensionais são cognoscíveis *a priori*. A divergência entre as diferentes subcorrentes epistemicistas reside na diferente resposta à questão de se os valores específicos de  $n$  e  $m$  podem ser conhecidos *a posteriori*. Nós adotamos a resposta positiva de Valcarenghi (2024) a essa questão, e é em função dela que temos nos movido aqui.

---

<sup>23</sup>A razão por que a idade deve ser menor do que  $(n+(n+(n+m)/2)/2)/2$ , que é o ponto-médio do segmento, em vez de ser menor ou *igual* a esse ponto-médio, tem a ver com o fato de que a expressão “muito pouco” carrega o sentido de posicionamento que se encontra aquém de certo limiar. Ora, a posição marcada pelo valor  $(n+(n+(n+m)/2)/2)/2$  é justamente um limiar, pois é o ponto-médio do respectivo segmento.

## Referências

- CARGILE, J. The sorites paradox. In: KEEFE, R.; SMITH, P. (eds.). *Vagueness: a reader*. Massachusetts: MIT Press, p. 89-98, 1996.
- DUMMETT, M. Wang's paradox. *Synthese*, v. 30, p. 301-324, 1975.
- FERREIRA, S. S. *Vagueza como arbitrariedade: esboço de uma teoria da vagueza*. 2017. 166 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- FRANCESCHI, P. A dialectical analysis of the sorites paradox, 2025. Disponível em: <https://philpapers.org/archive/FRAADA-4.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2025.
- GRAFF, D. Gap principles, penumbral consequence, and infinitely higher-order vagueness. In: BEALL, J. C. (edit.). *Liars and heaps: new essays on paradox*. New York: Oxford University Press, p. 195-221, 2003.
- GRAFF, D. Shifting sands: an interest-relative theory of vagueness. *Philosophical Topics*, v. 28, n. 1, p. 45-81, 2000.
- KEEFE, R. *Theories of vagueness*. Cambridge, UK: Press Syndicate of the University of Cambridge, 2004.
- KEEFE, R. Vagueness by numbers. *Mind*, v. 107, n. 427, p. 565-580, 1998.
- KEEFE, R.; SMITH, P. (eds.). *Vagueness: a reader*. Massachusetts: MIT Press, 1996.
- KENNEDY, C.; MCNALLY, L. Color, context, and compositionality. *Synthese*, v. 174, n. 1, p. 79-98, 2010.
- LOWE, E. J. Vagueness and metaphysics. In: RONZITTI, G. (ed.). *Vagueness: a guide*. Dordrecht, Heidelberg, London and New York: Springer. p. 19-53, 2011.
- LUDLOW, P. Implicit comparison classes. *Linguistics and Philosophy*, v. 12, p. 519-533, 1989.
- RAFFMAN, D. Vagueness without paradox. *The Philosophical Review*, v. 103, n. 1, p. 41-74, 1994.
- RONZITTI, G. (ed.). *Vagueness: a guide*. Dordrecht, Heidelberg, London and New York: Springer, 2011.
- SORENSEN, R. Vagueness. In: ZALTA, E. N. (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2022/entries/vagueness/>>. Acesso em: 20/06/2023, 2022.
- SORENSEN, R. A. *Vagueness and contradiction*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- TYE, M. Sorites paradoxes and the semantics of vagueness. In: KEEFE, R.; SMITH, P. (eds.). *Vagueness: a reader*. Massachusetts: MIT Press, p. 281-

293, 1996.

VALCARENGHI, E. C. Epistemicismo e semanticismo, vaguidade e sorites. *Filosofia Unisinos*, v. 25, n. 3, p. 1-25, 2024.

Van ROOIJ, R. Vagueness and linguistics. *In*: RONZITTI, G. (ed.). *Vagueness: a guide*. Dordrecht, Heidelberg, London and New York: Springer. p. 123-170, 2011.

WILLIAMSON, T. *Vagueness*. London and New York: Routledge, 1994 (reimp. em 2001).

WRIGHT, C. On the coherence of vague predicates. *Synthese*, v. 30, p. 325-365, 1975.